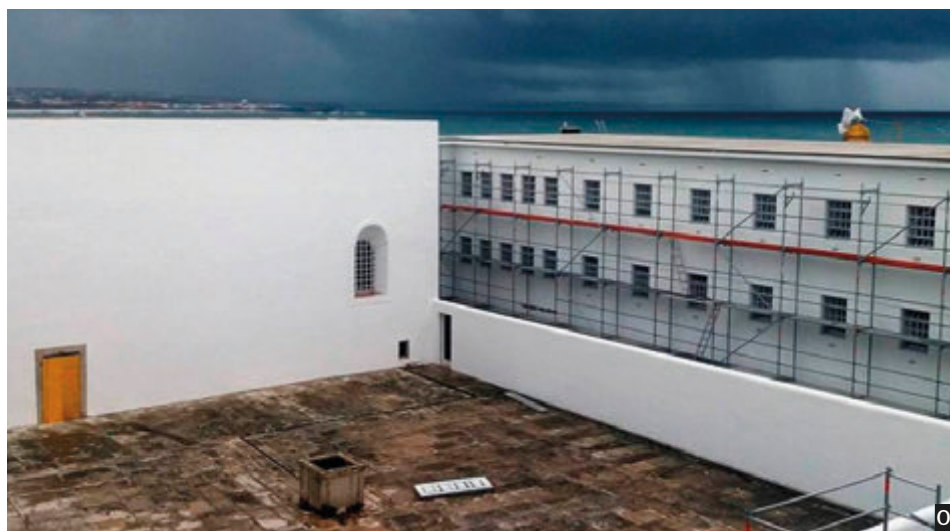




01



02



03



04

01 O antigo preso político José Pedro Soares durante a sessão de gravação da entrevista dada à equipa do museu de Peniche

02 O projeto de recuperação da Fortaleza de Peniche prossegue, visando a plena instalação do Museu Nacional da Resistência e Liberdade, que só acontecerá em 2021

03 José Tavares Marcelino, aqui com a mulher no famoso Parlatório, também foi entrevistado

04 No Memorial aos Presos Políticos estão gravados 2510 nomes. “Mas é mais que certo que muitos outros ainda vão surgir, fruto da investigação histórica que ainda prossegue”, refere a técnica no MNRL

Fotos: Museu Nacional da Resistência e Liberdade

Museu Nacional da Resistência e Liberdade Em Peniche recolhem-se testemunhos de coragem na primeira pessoa

Memória Antigos presos políticos de Peniche estão a ser entrevistados pela equipa do Museu Nacional da Resistência e Liberdade. São testemunhos que podem “ajudar a evitar a repetição da História”

Manuel Leiria

Provocações, agressões, castigos, isolamento, humilhações. Foram muitos anos de desumanidade, de 1937 até 27 de abril de 1974, aqueles que Peniche significou para milhares de pessoas - presos políticos em nome da ditadura. A cadeia instalada na Fortaleza era “local de sofrimento” e de “tremenda dureza”, recorda Álvaro Ribeiro Monteiro, um dos antigos reclusos entrevistados pela equipa do Museu Nacional da Resistência e Liberdade (MNRL). Nas últimas semanas, no Facebook, o MNRL tem divulgado entrevistas com quem esteve preso nos espaços que agora formam o museu, que não é feito só de celas, pátios e grades: há também as memórias de quem viveu ali, vítima da dita-

dura. São esses testemunhos de resistência e coragem que estão a ser fixados.

O projeto “Histórias de Pessoas, Histórias de Resistência” arrancou em 2019 enquadrado na missão do MNRL, de preservar a memória histórica da Fortaleza, “em especial as lutas e resistência do povo português à ditadura fascista e na conquista da liberdade e democracia”, explica Rosalina Carmona, técnica superior da Direção Geral do Património Cultural e do MNRL. Como muitos dos presos já não estão vivos, “impunha-se, com a maior brevidade, recolher aqueles testemunhos únicos”, registando-os para memória futura.

“Quisemos ouvir contar na primeira pessoa como foi o desespero de estar preso, quais os

motivos da prisão, quanto tempo esteve detido, como isso afetou a vida pessoal de cada um e dos familiares”. Durante anos, estes homens não puderam abraçar filhos, esposas, pais e amigos, viram a correspondência censurada, passaram por prisões como Caxias ou a delegação da PIDE no Porto e foram torturados. Mas também se organizavam no cárcere, comunicavam, passavam mensagens e imprensa clandestina, encontravam forma de passar o tempo. “Este era o universo que

Devido aos constrangimentos da pandemia de Covi-19, a instalação completa na Fortaleza de Peniche só acontecerá em 2021. Mas o Museu Nacional da Resistência e Liberdade continua bem ativo no Facebook

queríamos conhecer e divulgar”.

Desde o final de março foram partilhadas quatro entrevistas filmadas e mais se seguirão. Por ora, devido à pandemia, o MNRL interrompeu a recolha de depoimentos, mas a responsável garante que o projeto prosseguirá. “Ainda existem muitas pessoas para ser entrevistadas”. E isso é importante, porque dar a conhecer as agruras e privações que passaram social, profissional, física e familiarmente, “apenas por pensar de modo diferente do regime em vigor na época”, é “um ato de cidadania e liberdade que pode contribuir para formar consciência crítica” e, sobretudo, “ajudar a evitar a repetição da História”.

Por outro lado, nota Rosalina Carmona, tem sido “muito gratificante” perceber dos antigos detidos que “o seu esforço e sacrifício em prol do bem coletivo valeu a pena. O museu é a prova viva desse reconhecimento”. Para a técnica superior, o mais surpreendente é mesmo a “alegria de viver” que revelam nas entrevistas, a par da “confiança de que, no futuro, a

ditadura seria derrotada e a liberdade e o fim da Guerra Colonial chegariam um dia”.

Mas este exercício não serve para o MNRL tirar conclusões: “Propomos que quem ouve possa formular uma opinião informada”. E há muitas reações de surpresa à realidade contada ao museu de Peniche. “Os mais novos, sobretudo, desconheciam que em Portugal houve um tempo que não existia liberdade e as pessoas eram presas apenas por pensar de maneira diferente da oficial. Não se podia pensar diferente, ou sofria-se as consequências”, recorda Rosalina Carmona.

Daí a importância de lembrar o que era viver sem democracia ou liberdade, nota Álvaro Ribeiro Monteiro na entrevista que deu. “Quem por aqui passou, estes homens, deram um grande contributo para a libertação deste país. Mas a maior parte [das pessoas, hoje em dia] não lhes passa pela cabeça o quanto custou e já estão a querer voltar outra vez a princípios parecidos...”

manuel.leiria@regiaodeleiria.pt